

IPÊ AMARELO – O Reencontro

MARCIO ALVARES

IPÊ AMARELO – O Reencontro

MARCIO ALVARES

IPÊ AMARELO

O REENCONTRO

Osasco, São Paulo, 2013.

MARCIO ALVARES

Agradecimentos

À minha amada esposa Renata que tanto me incentiva, à amiga Carmem Lúcia pelo tempo dedicado às correções, ao amigo Zaqueu Araújo pela capa e ao meu mentor Rui Luis.

MARCIO ALVARES

PARTE UM.

Capítulo um

O VENTO TOCA o meu rosto, percebo que estou parado há algum tempo, pensando, sei lá em que, parece que por alguns minutos me desliguei do mundo.

Sinceramente, às vezes penso que gostaria de me desligar por algum tempo, ou quem sabe para sempre.

Luto em ocasiões com um desejo de acabar com tudo de uma vez. Silenciar a alma, a culpa. Não ter mais que encarar a mim mesmo. Acho que é este o problema, eu mesmo.

Hoje é o primeiro dia da primavera, vejo um Ipê amarelo derramando suas flores no chão, o céu claro como num quadro, o Sol mostrando sua força e a brisa que me trouxe de volta a realidade junto a este belo dia em setembro de dois mil e três.

Tudo isto me remete aos bons dias de minha infância. Se pudesse voltar, mudaria muita coisa, teria errado menos, seria

MARCIO ALVARES

mais feliz...

De repente o celular toca, estou só em casa - Anne, minha esposa está trabalhando e Felipe, nosso único filho de dez anos está na casa de meus pais. Vejo o número e me estremeço todo. É Rosa, um dos erros que gostaria de não ter cometido.

– Alô? Jonas? - ouço Rosa enfurecida.

...

– Jonas? - insiste Rosa.

– Olá Rosa, como vai?

– Que pergunta cretina. Mal, claro. Fiquei te esperando horas, você não apareceu. Como quer que me sinta seu covarde?

– Bem Rosa, é que, é que... - começo a gaguejar tentando despistá-la.

– Felipe passou mal e tive que levá-lo ao médico - é claro que ela não vai acreditar nessa mentira.

– Você quer que eu acredite? - dizia Rosa cada vez mais enfurecida.

– Bem Rosa, essa é a verdade, se quiser acredite.

– Não quero, não vou acreditar. Você começou isso tudo e agora foge de mim? Covarde!

Desligou o telefone.

Ufa, graças a Deus desligou. – pensei.

Bem, como dizia, este “erro” chamado Rosa trabalha comigo. Uma bela morena, um metro e setenta, cabelo sempre perfeito, cheiro doce, a mulher que todos os homens da empresa desejam passar ao menos uma noite.

Eu poderia, mas não tive coragem. Aliás, coragem é uma coisa que me falta. Desejo secretamente essa mulher há anos, desde o dia que ela começou a trabalhar na empresa de logística que estou desde os meus 16 anos.

Nunca me esqueço daquele dia. Um baita frio lá fora, ela

MARCIO ALVARES

entrou com Borges, nosso gerente, foi apresentada a todos e logo tomou acento. Tirou o casaco, apresentou-nos seu famoso decote, fez os homens do departamento todo ficarem em pausa por alguns segundos, inclusive eu.

Nunca admiti, mas passei esse tempo todo a desejando lá no fundo, porém lutava, lutava porque amava muito Anne.

Um belo dia, uma conversa despretensiosa, uma indireta, massagem nos ombros, bastaram cinco minutos. Ela, então, me mandou um e-mail com o site do motel mais próximo. Estava escrito assim:

"Não vejo a hora de você terminar a massagem que começou."

No mesmo momento, respondi que ela poderia me esperar às 21h.

Meu coração disparou, parecia que o meu peito iria explodir. Nunca trai Anne, agora meu desejo secreto estava

prestes de se tornar realidade.

Meu coração não diminuiu o ritmo, não conseguia nem digitar. O que seria a coisa mais comum aos companheiros de trabalho, trair a esposa, para mim seria inédita.

Como já disse, desejo-a lá no fundo, nunca tive coragem de admitir isso nem para eu mesmo.

Dez anos pensando em ao menos tocar essa mulher, e agora que posso quero fugir? - indaguei.

Mal consigo olhar a foto de Anne e Felipe na mesa. Achei melhor guardá-la na gaveta para não ter que “encará-los”.

Vai Jonas, só uma noite. Vai lá e mostra que você pode - continuava pensando, continuava tremendo, não conseguia mais trabalhar.

20h30min, o relógio implacável me lembrou que a hora chegou. Rapidamente peguei minha carteira e a chave do carro e

MARCIO ALVARES

fui correndo ao estacionamento.

Dois lados lutavam dentro de mim: vai Jonas, não vai Jonas. Ir ou não ir?

Capítulo dois.

O “Jonas não vai” ganhou, não por vontade, mas por covardia.

Passei a noite toda na cama ao lado de Anne pensando na experiência que teria no motel com Rosa. Alívio com pequena dose de arrependimento. Estava lá, agora precisava arrumar uma desculpa para que ela não pensasse que além de sacana, era um frouxo. Sorte que tinha pela frente trinta dias de férias, quem sabe tudo esfriaria e voltaria ao normal.

Sábado, 6h, o relógio toca, Anne se levanta para trabalhar e finjo que estou dormindo - é difícil ficar acordado com todo o barulho que ela faz quando acorda, mas aquela altura, era incapaz de encará-la, mesmo que não tenha chegado ao finalmente com Rosa, só o fato de preparar tudo já me soava como traição.

Senti o perfume de Anne chegando pertinho, e de repente, um beijo.

MARCIO ALVARES

– Te amo - ouço.

Poderia dar um tapa na minha cara. - pensei

Ela se afastou, seus passos ficaram cada vez mais distantes, finalmente saiu e me deixou em casa só, com meus tormentos. Esperei um pouco para ter certeza que ela não esqueceu nada e pudesse voltar.

Cinco minutos, ela não voltou, então me levantei.

– Idiota. - é a primeira coisa que pensei quando olhei no espelho.

Um pouco aliviado falei: os covardes conservam seus dentes enquanto os corajosos ficam sem - lembrei de Bruno, meu grande amigo de infância que sempre dizia isso quando fugíamos dos marmanjos que queriam nos bater.

Murmurei: é Bruno, seu provérbio é infalível!